

Economia de 600 milhões com juros

MOISÉS RABINOVICI
Enviado especial

CARACAS — O empréstimo-ponte de até US\$ 5,8 bilhões, sem o qual o Brasil não poderá pagar os juros da dívida vencendo em abril, maio e junho, e a troca de parte do dinheiro novo do pacote de médio prazo por bônus são dois dos principais assuntos pendentes das negociações da dívida que o ministro Mailson da Nóbrega começou a discutir em Caracas, ontem, à margem da 29ª assembléia de governadores do Banco Interamericano de Desenvolvimento.

Repetiu o ministro que o Brasil não poderá pagar mais os juros sem a ajuda dos credores — “como venho dizendo desde o começo das negociações” mas não usou a palavra “moratória”, que voltou a alarmar a imprensa internacional, e mostrou-se muito mais fatalista do que ameaçador.

Uma novidade, para ele, é que uma parte do dinheiro novo que está sendo negociado no pacote de US\$ 5,8 bilhões que deverá ficar fechado até junho, poderá vir na forma de bônus. E uma surpresa, como acrescentou, num encontro com jornalistas brasileiros, no Hotel Cara-

cas Hilton, na manhã de ontem, poderá ser dada pelo **carve-out**, ou a diferença da redução do **spread** (a taxa de risco) no estoque da dívida. “Será uma economia de juros mais importante do que esperávamos”, informou, estimando a quantia em US\$ 600 milhões, 200 milhões a mais do que o cálculo inicial. E isto fará com que o total de dinheiro previsto para o pacote de médio prazo caia de US\$ 5,8 bilhões para US\$ 5,2 bilhões. A abrangência do **carve-out**, e também a sua dimensão, que estavam sendo discutidas em Nova York, já foram definidas, segundo antecipou o ministro: ele recairá sobre 80% da dívida, a dívida pública, e vai até o segundo semestre de 1989. Mailson explicou que a idéia de substituir parte do dinheiro novo por bônus “pode ter seu lado positivo”, acrescentando:

“Para nós isto não faz muita diferença. Parece não haver dúvida, hoje, de que a volta de países como o Brasil ao mercado financeiro internacional se fará primordialmente através de bônus. A participação de bancos comerciais no financiamento de projetos é coisa do passado. Na verdade, estavam financiando balanço de pagamentos. Isso é



Júlio Fernandes

Mailson: parte do dinheiro deve vir na forma de bônus

coisa do passado. Os países do Extremo Oriente que conseguiram solucionar o seu problema de dívida voltaram ao mercado na base de bônus.”

Lembrou os casos da Índia, Malásia, Indonésia, Coreia, Taiwan e Tailândia, defendendo mais ainda a idéia dos bônus. “É um instrumento mais fácil de negociação para o mercado secundário.” Os bônus brasileiros “não sofrem deságio no mercado secundário. Em alguns momentos, dependendo da moeda em que o bônus seja emitido, e da taxa de juros entre diferentes moedas, o bônus brasileiro tem até ágio”.

“Quando se diz que o Brasil não voltaria ao mercado financeiro internacional, faz-se uma confusão: realmente, não volta ao mercado financeiro de empréstimos. Isso não volta nunca mais. No máximo haverá casos de co-financiamentos com o Banco Mundial, como já tem acontecido com alguns países da América Latina, como o Uruguai e Chile. Mas um sindicato para financiar Itaipu, por exemplo, é coisa do passado, até porque, hoje, já há um consenso de que este período constitui uma grande aberração da história do mercado financeiro inter-

nacional... Foi a euforia da reciclagem competitiva.”

O ministro da Fazenda encontrou-se ontem com a presidência do comitê de bancos credores, formada pelo presidente William Rhodes e os vices Michael Hunter, do Lloyds, e Leighton H. Coleman, do Morgan Guaranty Trust. Essa reunião, a que compareceu também o assessor do Tesouro americano para assuntos internacionais, David Mulford, teve o objetivo de preparar uma outra, marcada para hoje, entre os principais banqueiros do comitê credor. A dupla brasileira de negociadores, Antonio de Pádua Seixas e Sérgio Amaral, foi convocada de Nova York para Caracas, porque é aqui, ao que tudo indica, que os problemas pendentes das negociações poderão ser superados.

Na manhã de ontem, Mailson reviu o discurso que fará na terça-feira, diante da 29ª assembléia de governadores do Banco Interamericano de Desenvolvimento. Contou que já teve um contato com o novo presidente do banco, o uruguaio Enrique Iglesias, que só assumirá em abril, substituindo Ortiz Menz, que renunciou em meio a uma crise com os Estados Unidos.